Dia 30 — Santa Catarina de Sena, Virgem

Santa Catarina, a quem fizeram tão célebre no mundo os extraordinários favores que recebeu do céu quase desde o berço, foi filha de um tintureiro de Sena, na Toscana, chamado Jacó Benincasa. Nasceu Catarina gêmea e acompanhada de outra irmãzinha sua, no ano de 1347; e sua mãe Lapa, por certo movimento de especial amor a esta menina, resolveu criá-la, ainda que o não havia feito com nenhum dos demais filhos.

A alegria natural e o humor festivo que mostrou desde logo a menina Catarina moveram todos a dar-lhe o epíteto de Eufrosina; e a inata propensão que em meio de sua alegria descobriu a tudo o que era virtude lhe mereceu já à idade de cinco anos o geral renome de a Santinha. Pode-se dizer que a virtude se antecipou nela à razão e a razão à idade.

Logo que houve aprendido a Ave-Maria, notaram que, sempre que subia as escadas de sua casa, parava em cada degrau para rezá-la. Parece que havia nascido com ela a devoção à Mãe de Deus; e o Filho lhe inspirou um desejo tão ardente de consagrar-se toda a ele e de não ter outro esposo que, ao entrar nos oito anos, fez voto de perpétua castidade.

Desde então foram mais abundantes os favores e mais visíveis os progressos que fazia na virtude. Uma visão que se crê teve naquele tempo, em que lhe apareceu Jesus Cristo, abrasou-a tanto em seu divino amor que foi vítima de seus incêndios. Desde aquele instante todo o seu gosto foi a solidão e a oração; fizeram-se-lhe muito familiares a abstinência, o jejum e outras engenhosas mortificações, que ocultava cuidadosamente a seus pais; todo o seu empenho era agradar e comprazer a seu celestial Esposo.

Custou-lhe bem caro uma leve condescendência. Vendo sua mãe que em nenhuma de suas filhas poderia prometer-se tanto um vantajoso acomodamento como nas sobressalentes prendas de Catarina, mandou-lhe que se vestisse com menos desalinho, ou não com tanto descuido, e que cultivasse os dotes naturais de que o Senhor a havia adornado. Instava-a sobre o mesmo outra irmã sua casada, e não a deixavam sossegar. Para livrar-se desta espécie de perseguição doméstica, consentiu Catarina em deixar-se frisar o cabelo; mas, conhecendo na oração quanto havia desagradado a Deus esta complacência, concebeu tão vivo pesar e arrependimento que toda a vida a chorou como o maior pecado que havia cometido e tinha cuidado de acusar-se todos os anos dele com muitas lágrimas.

Não agradava a seus pais a inclinação ao retiro que mostrava Catarina. Pretendia-a por esposa um cavaleiro, a quem havia prendado sua virtude e sua formosura, e toda a família celebrava muito esta boa conveniência; mas nossa santa, vendo-se apurada para que prestasse seu consentimento,

tomou a resolução de cortar o cabelo; e, para fazer ver a todo o mundo que não queria outro esposo mais que a Jesus Cristo, lançou um véu sobre a cabeça. Não se pode ponderar quanto sentiram seus pais uma determinação tão inesperada; e assim, em despique e para que abandonasse todo pensamento de devoção, carregaram-na com o cuidado de toda a casa, mandando-a fazer os ofícios mais baixos e mais penosos dela.

Ainda que esta penosa humilhação a indenizava em parte da perda do tempo que lhe tiravam para dedicar-se a Deus, mortificou-a muito ver-se privada de sua doce solidão. Queixando-se ao Senhor um dia disto, ouviu uma voz interior que lhe disse que fabricasse dentro de seu coração uma celinha na qual pudesse retirar-se e viver muito só em meio do trafego e governo da casa. Desde aquele instante não perdeu de vista a Deus, sem que interrompesse sua oração a multidão das ocupações, mostrando bem na risonha alegria do semblante a tranquilidade de que gozava seu coração. Finalmente, sua constância desarmou a cólera de seus pais; porque, observando o pai sua perseverança e sua igualdade na virtude, conheceu que era Deus o autor de suas resoluções; e, prendada a mãe não menos de sua paciência que de sua aprazibilidade, determinou não opor-se à vontade do Senhor, e ambos lhe deixaram a liberdade de seguir as inspirações da graça.

Valeu-se Catarina desta licença para ensaiar-se no rigor da vida que pensava levar, entrando na terceira ordem de penitência do padre São Domingos. Absteve-se absolutamente de beber vinho e de comer carne, não comendo mais que ervas cruas sem pão. Duas tábuas sem enxerga nem colchão lhe serviam de cama, de mesa e de cadeira. Em vez de cilício cingiu o corpo com uma cadeia de ferro armada de pontas, que nunca tirou até poucas horas antes de sua morte, e então por obediência. À idade de dezoito anos proibiu-se para sempre o uso do linho; e desde então foi sua vida um contínuo jejum e um prodígio de penitência. Apenas tomava uma hora de sono por noite; todo o restante dela o passava em oração. Confessou a seu diretor que nenhuma coisa lhe havia custado tanto como vencer o sono. Cada dia tomava três sangrentas disciplinas com inocente crueldade. Apenas se pode compreender como uma terna donzelinha da idade de dezoito anos, de saúde débil e de compleição delicada, tinha forças para tão espantosas penitências. Todo o cuidado de seu diretor era moderá-las, pondo limites aos excessivos desejos que tinha Catarina de mortificar-se.

Por este tempo caiu enferma; e, como sua mãe, que a queria muito, ainda que a havia mortificado tanto, se sobressaltasse extraordinariamente, declarou-lhe Catarina que sua saúde dependia absolutamente de entrar na terceira ordem de São Domingos; o que obrigou a mãe a pedir ela mesma às beatas que admitissem sua filha, não obstante haver-se oposto sempre a esta resolução.

Recebeu o hábito, e com ele aquela extraordinária abundância de dons sobrenaturais que fizeram Catarina uma das mais célebres santas destes últimos séculos. Livre já de todos os estorvos que em certa maneira aprisionavam seu fervor e suas devoções, prescreveu-se a si mesma um rigoroso silêncio por espaço de três anos, em cujo tempo não falou mais que com seu confessor nem saiu de sua celinha senão para ir à igreja. Impôs-se como uma lei passar em oração todo o tempo da noite em que os religiosos não estivessem no coro; até o curto descanso que tomava sobre umas tábuas ou sobre a desnuda terra tampouco interrompia sua oração; sendo tão extraordinário seu fervor e tanto o rigor de suas penitências que todos estavam persuadidos de que só vivia por

milagre.

Invisível esta santa virgem a todas as demais criaturas, gostava sossegada e placidamente daquelas espirituais doçuras que são como antecipados lampejos das delícias do céu quando, irritado e invejoso o inferno de sua inocência, excitou contra ela uma tempestade horrível. Sentiu-se assaltada sua imaginação dos pensamentos mais feios e mais torpes, e combatido seu puríssimo coração das tentações mais vergonhosas e mais impuras. Foi tanto maior seu sobressalto quanto era mais perfeita e mais delicada sua pureza. Em vão dobrou a oração, aumentou as penitências e se esforçou a apagar com suas lágrimas as chamas daquele incêndio; porque o Senhor queria acrisolar sua virtude com aquela dolorosa prova, fazendo-a conhecer melhor a força e a necessidade de sua graça e dispondo-a por meio destas humilhações para receber os favores divinos mais extraordinários.

Terminou-se o combate, e foi sinal da vitória uma aparição da santíssima Virgem e de seu dulcíssimo Filho, à vista dos quais se dissiparam os vapores e voltou a amanhecer na alma a serenidade. Desde aquele dia tudo foi uma perpétua série de êxtases, de arrebatamentos e de frequentes revelações. Passava dias inteiros arrebatada em íntima comunicação com seu Deus; conversava com os santos do céu familiar e ordinariamente; mas sobretudo era admirável sua singular familiaridade com a santíssima Virgem, a quem chamava sua querida mãe, e com Jesus Cristo, seu divino esposo.

O reverendíssimo padre frei Raimundo de Cápua, geral da ordem de São Domingos e confessor de nossa santa, que escreveu sua vida, assegura que, dobrando suas orações e penitências nos últimos dias do carnaval, sentiu-se movida no fervor de sua oração a pedir ao Senhor uma fé tão viva que nunca pudesse debilitar-se e uma fidelidade a toda prova que lhe assegurasse a dita de ser eternamente esposa agradável a seus divinos olhos. Acrescenta o mesmo historiador que ao ponto lhe apareceu Jesus Cristo acompanhado da santíssima Virgem, de São João, de São Domingos e de outros santos e lhe declarou que havia sido ouvida sua oração, que lhe outorgava sua súplica e que desde ali em diante se dignava recebê-la por esposa sua, dando-lhe por sinal um anel que devia trazer no dedo todo o resto de sua vida.

Até este tempo vivia Catarina como enterrada em sua solidão e em sua cela, sem deixar-se ver mais que na igreja e ao pé dos altares; mas depois deste insigne favor deu-lhe a entender seu celestial Esposo que pedia a caridade que se deixasse ver no mundo um pouco mais. Deu princípio aos exercícios exteriores desta virtude encarregando-se da assistência de duas pobres mulheres enfermas: uma delas, chamada Teca, estava coberta de tão asquerosa lepra que ninguém se atrevia a aproximar-se dela, e já se tratava de lançá-la fora da cidade. Vendo-a Catarina abandonada de todos, tomou a sua conta cuidá-la por si mesma e duas vezes ao dia a visitava para socorrê-la em suas necessidades. Em lugar de agradecer Teca tão extraordinária caridade, sempre recebia Catarina com enfado; tratava-a com desabrimento e carregava-a de injúrias, como se a santa virgem fosse escrava da ingratíssima enferma. Mas este bárbaro desconhecimento acendia mais a caridade de Catarina, e a serviu até que expirou, com zelo ardente e com uma constância assombrosa.

A outra mulher se chamava Andreia e tinha um peito cancerado e tão fedorentamente podre que não havia quem pudesse tolerar o mau odor. Os primeiros dias mostrou-se não só agradecida, mas confusa à vista de uma caridade tão portentosa; mas, acostumando-se a ela insensivelmente, chegou a esquecer-se tanto do benefício que manchou a honra de sua benfeitora com as mais feias calúnias, publicando que andava divertida e que empregava na torpeza o tempo que fingia retirar-se para fazer oração. Juntou-se a esta má mulher outra tão má como ela, chamada Palmerina, e ambas souberam vestir com tão vivas cores a impostura que não só a persuadiram aos dissolutos, mas até a fizeram crer a muitos bons. Sem embargo de ser tão sensível e tão afrontosa a calúnia, não abriu Catarina os lábios para justificar-se e só cuidou de dobrar suas visitas e suas esmolas à enferma. Como um dia sentisse certa repugnância em servi-la, a generosa virgem aplicou sua puríssima boca à fedorenta chaga e venceu a calúnia à força de benefícios. Reconheceram enfim sua culpa aquelas pobres mulheres e publicaram a inocência de nossa santa, cuja humildade teve mais que padecer nesta justificação que naquela feia mancha de sua fama.

A caridade que usava com os pobres teria esgotado os fundos que encontrava em sua família e fora dela se não houvesse suprido Deus algumas vezes com milagres. O mesmo Cristo, disfarçado em figura de pobre, quis ao parecer experimentar até onde chegava sua caridade e sua paciência. Depois de haver-lhe dado Catarina tudo o que havia podido recolher, como o pobre ainda não se mostrasse satisfeito, ela lhe rogou que tomasse também aquilo que era de seu uso. Apareceu-lhe o Salvador na noite seguinte e deu-lhe a entender de um modo tão terno como cheio de consolo que ele era aquele pobre a quem havia socorrido com tanta generosidade o dia antecedente.

Ao passo que era imensa sua caridade, era também excessivo seu zelo pela salvação das almas; sendo poucos os miseráveis a quem não convertesse ao mesmo tempo que os socorria. Numa palavra, a vida desta insigne santa foi uma série de maravilhas, foi toda um contínuo milagre. Perdeu inteiramente o gosto e até o uso de todo gênero de comida; sustentava-se com a Eucaristia, sendo este pão de anjos quase seu único alimento. Uma vez passou desde o princípio da quaresma até a Ascensão sem provar outro bocado, servindo-lhe de sustento a comunhão que recebia cada dia. Disse um dia a seu confessor que seu divino Esposo e ela haviam trocado de corações e que aquele lhe havia impresso suas sagradas chagas, cuja vivíssima dor sentia sem intermissão nos lugares correspondentes, ainda que havia alcançado dele que este favor se ocultasse aos olhos dos homens.

Acrescentou o céu a estas graças um dom de entendimento e de sabedoria tão elevado que se a olhava como oráculo de seu século. Várias obras que temos com o nome de Santa Catarina, e singularmente muitas cartas que escreveu aos papas, aos cardeais e a vários príncipes, são provas convincentes de seu engenho, de sua cultura e de seu discernimento.

Havendo-a obrigado o bem público da Igreja a sair de seu retiro, deu ao mundo uma prova mais de que a verdadeira santidade está incompatível com a inação e com a poltroneria e de que os santos sabem deixar as doçuras da solidão quando quer Deus servir-se deles para os negócios exteriores.

Como os florentinos se houvessem sublevado contra a Igreja romana e o papa Gregório XI os houvesse excomungado por esta rebelião, creram que nenhuma pessoa seria mais a propósito para negociar sua reconciliação que nossa Catarina; e assim a nomearam por sua deputada ao

papa, que residia em Avinhão. Receberam-na o santo padre e os cardeais com todo o respeito que merecia sua virtude; e não lhe custou muito aplacar o ânimo do pontífice, que deferiu tanto a seu ditame que quis que fosse só o árbitro da paz que concedia aos florentinos. Mas Catarina não tinha menos no coração outro negócio de muito maior importância, que era a restituição dos papas a Roma, de onde havia setenta anos se haviam ausentado. Repreendendo um dia o papa Gregório a certo bispo porque não residia em seu bispado, respondeu-lhe: «Santíssimo padre, nisso não faço mais que imitar o exemplo dos papas, que há setenta anos não residem no seu.» Ainda que a resposta foi irreverente e atrevida, fez tanta força ao papa que no mesmo instante fez voto em seu coração de restituir a Roma a sé apostólica; e, consultando este ponto com nossa santa, sem declarar-lhe o voto que havia feito, respondeu-lhe Catarina: «Santíssimo padre, por que consulta Vossa Santidade sobre uma coisa que já tem oferecida a Deus?» De que admirado o papa, porque só Deus podia saber o voto que havia feito, não deliberou mais e, partindo de Avinhão no dia 13 de setembro de 1376, entrou em Roma em 17 de janeiro do ano seguinte. Logo chamou a santa àquela corte e, aproveitando-se muito de seus conselhos, não confiava menos na eficácia de suas orações.

À morte do papa, que sucedeu dois anos depois, seguiu-se um funesto cisma. Urbano VI, sucessor de Gregório, não honrou menos a Santa Catarina que seu predecessor; e, convencida a santa de que este era o legítimo pastor da Igreja, trabalhou com todas as suas forças em que todos o reconhecessem por tal; experimentando-se principalmente nesta importante ocasião quanto poder tinha nos corações não só a opinião de sua eminente virtude, mas seu admirável engenho, sua eloquência, seu ânimo varonil, sua compreensão e sua extraordinária capacidade.

Havia resolvido o papa enviá-la por deputada e como legada sua à rainha de Nápoles e da Sicília; e a santa, cheia de fé, de caridade, de zelo e de valor, estava já determinada a empreender tudo para a maior glória de Deus quando se sentiu acometida de uma grave enfermidade. Quatro meses esteve padecendo dores tão vivas e tão extraordinárias que ninguém duvidava de que era aquela enfermidade tão sobrenatural como se considerava sua vida milagrosa. Mostrou uma paciência tão heroica em todos os seus males que por nenhum outro lado se manifestou seu espírito tão grande como por este; sendo certo que as aflições e trabalhos em que Deus a exercitou quase sem intermissão por todo o tempo de sua vida a fizeram muito mais admirável que as brilhantes e ruidosas ações que tanto se admiram nela. Foi sua preciosa morte parecida em tudo a sua santa vida: suspiros, êxtases, arrebatamentos, incêndios do amor divino foram toda a sua agonia. Desgastada ao rigor de suas incompreensíveis penitências, consumida de trabalhos, cumulada de graças e merecimentos, expirou em Roma no dia 29 de abril do ano de 1380, aos 33 de sua idade, deixando não só a suas irmãs, de quem foi superiora, mas a todos os fiéis admiráveis exemplos de todas as virtudes, mas singularmente da onipotente força da divina graça.

Esteve alguns dias exposto o santo corpo à veneração pública e depois foi enterrado solenemente na igreja da Minerva, onde logo confirmou o Senhor com novos milagres a opinião de santidade que havia merecido em vida. No ano de 1461 foi canonizada pelo papa Pio II, com toda a solenidade e pompa que correspondia à singular veneração e confiança que sempre têm tido todos os povos nesta insigne santa.

Adora-se em Sena seu crânio e no convento dos dominicanos de São Sisto de Roma uma mão inteira, como também um pé inteiro em Veneza, no convento das monjas dominicanas.

É certo que muito tempo antes de Santa Catarina de Sena florescia já em todo o orbe cristão a terceira ordem de penitência do patriarca São Domingos, pela vida exemplar de um grande número de pessoas que, sem encerrar-se no claustro, observavam com exatidão no mundo a terceira regra de São Domingos, acreditando assim de uma maneira sensível que se pode viver no século e viver como perfeito cristão. Mas não se pode duvidar de que a alta reputação de nossa santa acrescentou um novo e brilhante esplendor a esta congregação, a qual continua em edificar o mundo com as eminentes virtudes que praticam os que têm a dita de alistar-se nela. Costumam em algumas partes chamar monjas de Santa Catarina a todas as religiosas dominicanas, cuja sagrada ordem é uma das mais célebres que se veneram na Igreja universal e é muito mais distinguida pelo resplendor das virtudes em que se exercitam as que a professam que pela nobreza e prendas naturais que as adornam, notando-se em toda ela uma observância constante, uma virtude humilde, exemplar e nada afetada, um grande espírito de união e uma como inata aversão a tudo o que respira novidade perniciosa.

Martirológio Romano

Em Roma, Santa Catarina de Sena, da ordem de São Domingos, muito célebre por sua santidade de vida e milagres, a quem pôs no catálogo das santas virgens o papa Pio II.

Em Lambesa, na Numídia, a festa dos santos mártires Mariano, leitor, e Tiago, diácono: o primeiro, havendo já confessado Jesus Cristo e vencido os rigores da perseguição de Décio, foi preso segunda vez com seu ilustre companheiro; e ambos, depois de haver padecido cruéis e inauditos tormentos, durante os quais foram fortalecidos por duas vezes com revelações divinas, foram degolados em companhia de outros muitos cristãos.

Em Saintes, Santo Eutrópio, bispo e mártir, a quem o papa São Clemente consagrou e enviou à França, onde pregou muito tempo; e, havendo-se-lhe machucado a cabeça pela confissão de Jesus Cristo, consumou seu martírio.

Em Córdova, os santos Amador, presbítero, Pedro, solitário, e Luís, mártires.

Em Novara, São Lourenço, presbítero, martirizado com dois meninos que educava.

Em Alexandria, Santo Afrodísio, presbítero, e outros trinta santos mártires.

Em Éfeso, São Máximo, mártir, que foi coroado na perseguição de Décio.

Em Fermo, na Marca de Ancona, Santa Sofia, virgem e mártir.

Em Nápoles, São Severo, bispo, o qual entre outras maravilhas fez a de ressuscitar momentaneamente um morto para convencer a falsidade de um impostor que repetia uns créditos

contra uma viúva e seus pupilos.

Em Euria, no Épiro, São Donato, bispo, que viveu com grande reputação de santidade no tempo do imperador Teodósio.

Em Londres, Santo Erconvaldo, bispo, ilustre por seus milagres.

Missa (oração)

A missa é em honra da santa, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Da, quæsumus, omnipotens Deus, ut qui beatæ Catharinæ virginis tuæ natalitia colimus, et annua solemnitate lætemur, et tantæ virtutis proficiamus exemplo. Per Dominum nostrum...*

Português: Concedei-nos, ó Deus todo-poderoso, que, pois celebramos o nascimento para o céu de vossa bem-aventurada virgem Catarina, nos alegremos santamente com sua anual solenidade e nos aproveitemos do exemplo de sua eminente virtude. Por nosso Senhor...

Epístola

A epístola é dos capítulos 10 e 11 da segunda de São Paulo aos Coríntios, e a mesma do dia 17 [^1].

2 Coríntios 10,17-18; 11,1-2

> **Latim:** 17 Qui autem gloriatur, in Domino glorietur. 18 Non enim qui seipsum commendat, ille probatus est : sed quem Deus commendat. 1 Utinam sustineretis modicum quid insipientiæ meæ, sed et supportare me : 2 æmulor enim vos Dei æmulatione. Despondi enim vos uni viro, virginem castam exhibere Christo.

Português: 17 Aquelle pois, que se gloria, glorie-se no Senhor. 18 Porque não he o que a si mesmo se recommenda, o que he estimavel : mas he sim aquelle, a quem Deos recommenda. 1 OXALÁ que supportasseis por hum pouco a minha insipiciencia, mas em fim tolerai-me: 2 porque vos zelo com zelo de Deos. Por quanto eu vos tenho desposado com Christo, para vos apresentar como

virgem pura ao unico esposo.

Nota

«Empregou São Paulo cinco ou seis meses na visita das igrejas da Macedônia, onde teve muito que padecer; mas o consolou Deus com a vinda de Tito, que lhe referiu o bom estado da igreja de Corinto, cujos cristãos já se haviam separado do incestuoso. Voltou a despachar Tito para a dita igreja e por ele lhe escreveu esta segunda epístola, na qual perdoa ao que havia excomungado na primeira, dando nela salutares conselhos aos coríntios, singularmente sobre a virgindade.»

Reflexões

Há porventura título mais terno, mais glorioso nem mais respeitável entre todos aqueles com que a bondade de Deus honra as almas que o título de esposa de Jesus Cristo? Pois este é o título e o privilégio das virgens; elas levam escrito na fronte seu nome e o nome de seu Pai, para que se entenda que lhe pertencem por um título muito especial; elas cantam no céu diante do mesmo trono um cântico quase novo, que ninguém pode cantar senão as almas privilegiadas que nunca mancharam sua pureza. Mas não é somente no céu onde logra a virgindade auréolas e privilégios; ainda na terra aquelas graças de particular distinção, aqueles singularíssimos favores, aqueles dons extraordinários que podem dispensar-se nesta vida estão particularmente destinados para as virgens. E, ainda que é certo que Deus é liberal com as almas fiéis em todos os estados, as virgens parece que adquirem não sei que particular direito a sua mais íntima comunicação e às maiores graças.

Dabitur enim illi fidei donum electum [^2]: Ditosas, diz o Sábio, aquelas almas puras e sem mancha que não permitiram que se murchasse, nem sequer se ajasse jamais a flor de sua pureza, porque elas gozarão de uma fé viva, ativa e operativa. Nenhum pecado debilita tanto a fé como o da impureza.

Herança ordinária é das virgens um dom de oração e de contemplação muito extraordinário. A carne embrutece o espírito; a vista de Deus só se promete aos corações puros. Admira-se a secura e a falta de luzes espirituais que se experimenta na oração, sem advertir que a serenidade e o orvalho pedem calma. Nas terras úmidas e pantanosas sempre reinam as névoas; nem o céu se descobre nunca sereno senão quando sopra o ar puro.

Experimenta-se uma fé lânguida e amortecida, crê-se com pouco fervor e talvez insensivelmente se duvida de alguns artigos. Que muito! São acaso muito puros os costumes? Está limpo o coração? É esse corpo templo santo do Deus vivo? Pois desenganemo-nos de que a fé se alenta com a pureza. Como a virgindade nos aproxima tanto do estado dos anjos, também nos põe a coberto das tempestades que são tão frequentes no mundo. Manda Deus a Moisés que passe a fio de espada os madianitas; mas lhe ordena que perdoe às donzelas. São um mistério escondido a

muitos as excelências e os privilégios de que goza a virgindade. É um dom de Deus; mas com este só dom, quantas dificuldades se aplainam, quantas paixões se vencem, quantos monstros se domam!

O que não tem mulher, diz São Paulo, atende às coisas que são do Senhor e cuida de agradar a Deus; mas o que a tem atende às coisas que são do mundo e aos meios de agradar a sua mulher, com o que se faz preciso que seu coração esteja repartido. Da mesma maneira, uma mulher que não está casada, uma virgem, só atende às coisas que são do Senhor, para ser santa de corpo e de espírito; mas, ao contrário, a que está casada pensa nas coisas do mundo e nos meios de agradar a seu marido. Se se penetrasse bem a alma e o sentido de um arrazoado tão cabal como verdadeiro, que efeito não produziria! E que graças não estariam dando a Deus continuamente aquelas almas privilegiadas a quem favoreceu com tão excelente dom, aquelas pessoas religiosas a quem parece que o mesmo Senhor separou dos demais para si só! Que alto conceito formariam da elevação de seu estado! Com que cuidado, com que vigilância conservariam esta preciosíssima flor! Porque na realidade que condição há mais ditosa, nem ainda mais respeitável no mundo, que a sua?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus (o original diz «capítulo 23»), e o mesmo do dia 17 [^3].

Mateus 25,1-13

> **Latim:** [1] Tunc simile erit regnum cælorum decem virginibus : quæ accipientes lampades suas exierunt obviam sponso et sponsæ. [2] Quinque autem ex eis erant fatuæ, et quinque prudentes : [3] sed quinque fatuæ, acceptis lampadibus, non sumpserunt oleum secum : [4] prudentes vero acceperunt oleum in vasis suis cum lampadibus. [5] Moram autem faciente sponso, dormitaverunt omnes et dormierunt. [6] Media autem nocte clamor factus est : Ecce sponsus venit, exite obviam ei. [7] Tunc surrexerunt omnes virgines illæ, et ornaverunt lampades suas. [8] Fatuæ autem sapientibus dixerunt : Date nobis de oleo vestro, quia lampades nostræ extinguuntur. [9] Responderunt prudentes, dicentes : Ne forte non sufficiat nobis, et vobis, ite potius ad vendentes, et emite vobis. [10] Dum autem irent emere, venit sponsus : et quæ paratæ erant, intraverunt cum eo ad nuptias, et clausa est janua. [11] Novissime vero veniunt et reliquæ virgines, dicentes : Domine, domine, aperi nobis. [12] At ille respondens, ait : Amen dico vobis, nescio vos. [13] Vigilate itaque, quia nescitis diem, neque horam.

Português: [1] ENTÃO será semelhante o reino dos ceos a dez virgens: que tomando as suas alampadas, sahirão a receber o esposo e a esposa. [2] Mas cinco de entre ellas erão loucas, e cinco prudentes: [3] as cinco porém que erão loucas, tomando as suas alampadas, não levarão azeite consigo: [4] mas as prudentes levárão azeite nas suas vasilhas juntamente com as alampadas. [5] E tardando o esposo, começárão a tosquenejar todas, e assim vierão a dormir. [6] Quando á meia noite se ouvio gritar: Eis-ahi vem o esposo, sahi a recebello. [7] Então se levantárão todas aquellas virgens, e preparárão as suas alampadas. [8] E disserão as fatuas ás prudentes: Dai-nos do vosso azeite: porque as nossas alampadas se apagão. [9] Respondêrão as prudentes, dizendo: Para que não succeda talvez faltar-nos elle a nós e a vós, ide antes aos que o vendem, e comprai o que haveis mister. [10] E em quanto ellas forão a comprallo, veio o esposo: e as que estavão apercebidas entrárão com elle a celebrar as vodas, e fechou-se a porta. [11] E por fim vierão tambem as outras virgens, dizendo: Senhor, Senhor, ábre-nos. [12] Mas elle respondendo, lhes disse: Na verdade vos digo que vos não conheço. [13] Vigiai pois, porque não sabeis o dia, nem a hora.

Meditação

Da maior desdita do homem

Primeiro ponto

Considera que a maior desdita do homem é ser reprovado, ser lançado da presença de Deus: *Nescio vos.* A maior felicidade do homem é a posse de Deus: quem se atreverá a negar esta verdade? Logo sua maior desgraça é perdê-lo para sempre.

O homem foi criado unicamente para Deus: este é nosso fim, esta nossa satisfação, este nosso centro, sobre o qual não há mais que consultar nosso coração. Depois de mais de seis mil anos que todos os homens trabalham em fazer-se felizes, nenhum encontrou até agora satisfação plena e perfeita que fixasse todos os seus desejos; fica sempre no coração humano um imenso vazio que não podem encher todos os objetos criados; e isto porque o homem não foi criado para eles. É preciso que eleve a Deus todas as suas ânsias; e desde o mesmo instante em que toma este partido experimenta em seu coração uma paz, um consolo, uma doçura que não pôde encontrar em outra parte. Só Deus é seu fim e o centro de seu repouso; isto ainda desde esta vida: que será no céu por toda a eternidade? Ali, quando Deus se comunica amorosamente à alma; ali, quando Deus se entrega todo a ela sem reserva; ali, quando a alma entra, se engolfa, se afoga e, por assim dizer, se perde na felicidade do Senhor! Concebe, se é possível, o infinito valor, a imensidade desta dita; mas concebe também por isso mesmo que desdita é perder a Deus, ser aborrecido, ser reprovado de Deus, ser objeto funesto de seu ódio e de sua cólera: *Nescio vos.*

Ainda que houvesses sido o maior monarca do universo, o homem mais poderoso e mais feliz que têm conhecido os séculos, se no ponto em que expiras ouves da boca de Deus: *Nescio vos*, não te conheço, não sei quem és nem o saberei nem te conhecerei jamais; sempre te olharão meus olhos com horror, sempre serás abominável a meu coração, sempre serás objeto de minha mais viva

indignação: *Nescio vos;* que começarás a ser desde então e que serás por toda a eternidade?

Cair na desgraça de um pai, de um protetor poderoso de quem pendia toda a nossa fortuna, de um amigo que era todo o nosso consolo é sem dúvida situação triste e melancólica. Perder um pleito que arrasta atrás de si a ruína de toda uma família, incorrer na desgraça do príncipe e por esta desgraça perder a honra, os bens, os empregos e a pátria: parece que se deveria preferir a morte a esta cadeia de infortúnios; mas em boa-fé, que é tudo isto comparado com a condenação eterna? Que decretos de príncipe, que sentenças de magistrado, que públicos pregões podem cotejar-se com aquele *nescio vos* de um Deus justissimamente irritado? Que raio mais espante, mais aniquile, mais desespere que aquelas tristes palavras?

Fazei, Senhor, que eu compreenda todo o sentido, todo o rigor delas, que goste nesta vida toda a sua amargura, para não ouvi-las jamais de vossa boca por toda a eternidade: *Confige timore tuo carnes meas; a judiciis enim tuis timui* [^4]. Penetrai todo o meu corpo de vosso santo temor, para que este santo estremecimento me livre de vossos terríveis juízos.

Segundo ponto

Considera que não há neste mundo desgraça que não tenha recurso, infortúnio que careça de esperança nem trabalho que não possa ter algum alívio; mas busca algo disto no sentido daquelas terríveis palavras: *Nescio vos,* não te conheço.

Se um tratado, se uma importante negociação se desfaz; se o comércio não sai como se pensa; se se perdeu o tempo e o dinheiro numa empresa considerável; se se frustraram as esperanças de uma rica herança; se se perdeu um pleito em que se atravessavam os maiores interesses; se por uma injustiça manifesta se acha um despojado de todos os seus bens: quando não haja outro recurso nesta vida, há ao menos o de que tudo se há de acabar logo com ela, e o pensamento da morte consola. Mas, quando se incorreu na desgraça eterna de Deus; quando se nos acabaram já os amigos e os intercessores com Sua Majestade; quando se fechou para nós o manancial das misericórdias; quando se acabou já o tempo de toda graça e quando já não há mais tempo; quando a espantosa eternidade sucedeu a este curto número de dias que se perderam; quando se ouve que Deus nos diz no furor de sua cólera: não te conheço, não sei quem és; quando já desde aquele ponto não se faz caso nem dos trabalhos que padecemos nem do bem que fizemos; quando já não há que esperar compaixão, não há que esperar misericórdia: que recurso teremos? Choraremos, gemeremos, lamentar-nos-emos, clamaremos, mas em vão; porque *Amen dico vobis, nescio vos.* Se houvésseis feito a provisão a tempo; se houvésseis velado sem dormitar nem estar ociosos; se houvésseis trabalhado em vossa salvação enquanto era de dia: colheu-vos a noite, colheu-vos a morte, e já nada se pode fazer.

Essa vida de vinte e cinco, de quarenta, de sessenta anos só se te havia concedido para dispor-te a receber o divino Esposo. A incerteza da hora em que havia de chegar pedia uma contínua vigilância. Não te bastava ser virgem, era mister aplicar-te a cumprir tua obrigação; tampouco bastava ter as lâmpadas acesas, era necessário ter provisão de azeite. Adormeceste, veio o Esposo; advertiste que se apagavam as lâmpadas e que faltava o azeite; quiseste acudir por ele,

mas já era tarde. Um desmaio, um acidente faz clamar por um confessor, pedir os sacramentos, acudir à penitência; mas em meio destas pressas, desta turbação, destes sobressaltos e congojas chega o Juiz. Clama-se por tempo para prevenir-se; mas ignorava-se porventura que era necessário estar pronto para quando o Senhor chamasse? Fecham-se com a vida as portas da misericórdia: chama-se a elas, mas o Senhor responde desde dentro: *Nescio vos,* não vos conheço. Já não é tempo; a eternidade desditosa começou; e o mortal arrependimento, a desesperação, a raiva, os tormentos que já começaram não terão fim.

Ah Senhor! De que aproveitará ao homem ganhar todo o mundo se perde sua alma? E que equivalente poderá encontrar por esta alma perdida? Assombro é ver pessoas de bom juízo e de muita capacidade ocupar-se nos negócios do mundo dias, meses, anos inteiros; separar-se para isto do que mais amam e até privar-se de todo gosto; carregar com a mortificação de estar sempre metidos nas dependências mais enfadonhas; e sair do mundo sem haver pensado jamais seriamente a que vieram a ele nem onde hão de ir parar quando o deixem. Meu Deus, que prudentes, que discretos foram os santos em pensar nisto toda a vida! Não permitais, Senhor, que estas reflexões que acabo de fazer sirvam só para minha maior condenação e para minha eterna desdita.

Jaculatórias

> *Ne projicias me a facie tua.* Sl 50.

Senhor, não me lanceis de vossa divina presença.

> *Quo ibo a spiritu tuo, et quo a facie tua fugiam?* Sl 138.

Aonde irei, Senhor, se vós não me quereis reconhecer por vosso filho? Onde me esconderei, se não me quereis sofrer em vossa divina presença?

Propósitos

1. A maior desdita do homem nesta vida é viver em pecado e na outra é morrer nele. A perda dos bens e da saúde, os maiores contratempos, as adversidades, as perseguições, as desgraças, que vêm a ser todos estes aparentes infortúnios no sentido mais natural? Em suma, tudo isto não costuma ser mais que viver um com alguma menor conveniência; baixar alguns graus mais a respeito daqueles que estavam ao mesmo nível conosco; ter um protetor, alguns amigos menos; ocupar o último lugar no conceito dos homens; no máximo é ver-nos despojados de tudo aquilo

que fomenta a ambição, nutre a concupiscência, irrita as paixões, e ser despojados poucos dias antes de chegar a morte de tudo aquilo que ela mesma nos havia de arrebatar. Mas estar em pecado é ser objeto de horror a todo o céu, viver em desgraça de Deus, merecer todos os tormentos eternos; e morrer em pecado é ser objeto de horror e de infâmia, é ser um insigne facínora, vítima triste das chamas abrasadoras por toda uma eternidade. Não tenhas horror a outra coisa que ao pecado; não cesses de temer a desgraça de morrer em pecado. Todas as demais coisas que se chamam aflições, desgraças, adversidades, misérias, todas têm remédio; mas não há consolo, não há alívio, não há recurso contra a morte em pecado. Procura que este horror e este temor não só se te façam familiares, mas como naturais; inspira-o a teus filhos e a teus criados, repetindo-lhes continuamente aquelas palavras do Sábio: *Quasi a facie colubri fuge peccatum:* fugi do pecado como de uma venenosa serpente; porque, se vos aproximais dele, vos agarrará e vos morderá; *Dentes leonis dentes ejus:* são seus dentes como dentes de leão, que despedaçam as almas; *Quasi rhomphæa bis acuta omnis iniquitas:* todo pecado é como uma espada cortante de dois gumes; *Plagæ illius non est sanitas:* e a ferida que abre não tem cura. Tem cuidado de que se passem poucos dias sem repetir esta lição aos que estão a teu cargo e também sem repeti-la a ti mesmo.

2. De hoje em diante guarda-te muito de abandonar-te a excessos de tristeza e desolação quando te suceda algum trabalho. Deus te tira o que te havia dado ou não te concede o que não te devia e talvez seria pernicioso para ti: a que vêm esses desconsolos e essas queixas? Que agravo te fizeram em negar-te o que não era teu? Que direito têm os homens às honras, aos empregos, aos bens temporais que pretendem? Não te aflijas, pois, senão pelo pecado; e, quando te suceda algum contratempo, consola-te pensando que não é pecado. Por molesto, por trabalhoso que seja o que te sucedesse, pergunta-te a ti mesmo com o Profeta: *Quare tristis es, anima mea, et quare conturbas me?* Alma minha, por que estás triste? Por que te afliges e me turbas? A perda deste pleito não é perda da graça; este infortúnio não é pecado; por esta desgraça não perdi a amizade de Deus. Pois *quare tristis es?* Por que hei de afligir-me nem desconsolar-me por um acidente que ao cabo não é nenhum mal? Não poucas vezes pode mais a tristeza que as máximas da religião; mas, por poucas reflexões cristãs que se façam, dissipa-se a tristeza. Não há outro mal verdadeiro que o pecado; o cúmulo de todos os males, o maior e mais terrível, é morrer em pecado. Seja esta verdade a matéria mais comum de nossa meditação.

[^1]: O original remete à «pág. 432» da edição consultada; a epístola é 2 Cor 10–11, reproduzida acima, conforme o dia 17. [^2]: No original há aqui uma chamada de nota, cujo texto não aparece na digitalização. A passagem é Sb 3,14 (identificação conjetural). [^3]: O original remete à «pág. 434»; o evangelho é Mt 25,1-13 (as virgens prudentes e as néscias), conforme o dia 17. [^4]: No original há aqui uma chamada de nota, cujo texto não aparece na digitalização. A passagem é Sl 118,120.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:47:39 by Admin
Updated 20 November 2026 20:47:39 by Admin